

café, está mais debilitado do que nunca. Pelo menos é o que o bom-senso revela aos nossos olhos. Para alguém é possível que nada signifique o fato de S. Paulo, o verdadeiro — "habitante" do café, produzir apenas 24 arrobas por 1.000 pés. Mas para nós é o começo do fim. É a encruzilhada fatal, a indicar dois caminhos distintos em ação e em resultados.

ADUBAÇÃO RACIONAL

O panorama paulista é este: algumas centenas de milhões de cafeeiros foram abandonados depois da crise de 1929-30; e outras centenas de milhões representam árvores decrepitas, irrecuperáveis para uma produção econômica — e só se pode admitir, no presente e no futuro, uma produção cafeeira em bases de rendimento econômico.

Mas há os cafeeiros remanescentes — que também se elevam a várias centenas de milhões. Para estes — ao mesmo tempo que se cuida da plantação de árvores novas dentro da técnica moderna — é que devemos voltar a nossa atenção. São cafeeiros que precisam de elementos nutritivos capazes de permitir a sua sobrevivência e a continuidade de sua produção. O simples trato das árvores — com a capina anual — leva o rápido desaparecimento também desses remanescentes, que exigem alimentos, e falta dos quais definham progressivamente.

Em resumo, os cafeeiros reclamam adubação — que é, como se sabe, o índice seguro para se aferir do progresso agrícola de uma nação.

Por estranho que pareça, embora sejamos um país de imensas possibilidades agrícolas, registamos um dos mais baixos níveis de consumo de fertilizantes (e nem falamos de máquinas agrícolas, que estas não entram na lavoura cafeeira, exceto no preparo do solo), por área cultivada. Com essa adubação a conta gotas, o lavrador economiza, é evidente. Mas, ao mesmo tempo, deteriora o seu capital e o seu material de trabalho representado pelo solo e pelas plantas. É o gênero de poupança que não encontra apêlo nas concepções modernas de economia. A dinâmica é condição essencial à empresa moderna, seja ela industrial, comercial ou agrícola. E a dinâmica veio, precisamente, tomar o lugar da "mineração", substituiu o trabalho agrícola em moldes extrativos, como esse que, infelizmente, ainda predomina na maioria de nossas fazendas.

O financiamento da adubação, com certa liberalidade mas sob a inspiração de diretrizes técnicas, precisa ser adotado, como sábia medida de auto-defesa do erário público, evitando, assim, um verdadeiro suicídio econômico da Nação. Isso porque sem o auxílio fiscal, em absoluto poderá existir a mais remota possibilidade de recuperação cafeeira generalizada. Constitui a mais clamorosa injustiça o desamparo dos cafezais, eles que são os verdadeiros construtores da nossa grandeza econômica.

Para os produtos chamados "gravosos" não falta proteção oficial. No que tange ao café, não obstante portarias e regulamentos, a insignificância do dinheiro destinado ao financiamento da aquisição de fertilizantes, é comumente desviado para outros fins. E o cafeeiro continua a receber a chuva que o bom Deus manda e os benefícios da enxada, as primeiras nem sempre pontuais e a segunda nem sempre primorosa. Tal ocorre porque inexistem, também, uma assistência técnica eficiente no sentido de influenciar o lavrador a adubar as suas plantações. Como decorrência, chuva e enxada continuam sendo o binômio em que lavradores tacanhos repousam a sua agricultura.

Antigamente, no passado, o espirismo da "Chuva e enxada" era atenuado pela existência de terras virgens de solos inexplorados. Mas, hoje, com a terra depauperada pelo cultivo extensivo, esgotada de humus, aquele empirismo leva, fatalmente, à decadência dos cafezais, por mais que chova, por mais que se capinem os talhões. É que a chuva por si só não edifica fertilizantes ao solo; ao contrário, apesar de ser indispensável a qualquer lavoura, se esta não for racionalmente praticada, a chuva que vai leve o remanescente fertilizante, pela lixiviação do solo, deixando, à sua passagem, as crateras áridas da erosão.

O PROBLEMA BÁSICO DA PRODUTIVIDADE

A fim de negar financiamentos mais amplos aos lavradores, os próprios governantes vão ao absurdo de argumentar com os altos preços do café. "2.500-3.000 cruzeiros por saca de café, constitui remuneração altamente satisfatória" — costumava-se ouvir. Mas nada mais falho do que esse raciocínio. A colação elevada do café não significa riqueza, que esta só pode ser medida em função da produtividade. Conjugando-se bom rendimento e bom preço, então, ter-se-á a riqueza. Todavia, não é isso o que acontece. Ademais, estacionou o preço do café, enquanto as despesas para o trato mantêm-se na sua acelerada marcha ascensional. Caros são os fertilizantes, extorsivos os fretes e dispendiosa a mão-de-obra.

Por isso, explica-se que apenas teoricamente a adubação seja praticada em larga escala entre nós. Apenas alguns lavradores conseguem adquirir adubos, ficando a grande maioria impossibilitada de contar com esse elemento indispensável ao solo.

Quanto maior for a decadência dos cafezais, mais remotos e duvidosos serão os resultados da adubação, que passa a exigir imobilização mais prolongada de capitais e agrava, por essa forma, a nossa já precária situação financeira.

Em suma, não se aduba porque não se colhe e, naturalmente, não se colhe café porque não se aduba. Nessa fusão de causa e efeito vive a lavoura cafeeira.

Ao poder público cabe romper as correntes desse círculo vicioso, evitando que continuem ao léu os cafezais, que, em muitas regiões, estão dando lugar ao capim colônico e ao zebá. Mas, para que tal aconteça, é preciso que a recuperação cafeeira saia do terreno das cogitações estérteis e entre para o de realizações práticas.

Evidentemente, o problema do café não se resume na adubação. Ele é muito amplo e a sua solução demanda providências de ordem econômica, financeira, comercial e até mesmo social. O café foi, é e ainda será por muitos anos o estio de nossas instituições econômicas e políticas.

O abandono a que ele foi relegado não se justifica. A sua história é rica de ensinamentos práticos, que não podemos desprezar. A sua atribulada existência, a sua permanente corrida à procura de terras novas precisam encontrar paradero, alicerçarem-se em café numa política objetiva, duradoura e de real interesse para o país.

RENOVAÇÃO DA CULTURA

Vejamos a trajetória do café no Brasil: iniciada a sua expansão nos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, há quase dois séculos, penetrou em S. Paulo pelo Vale do Paraíba. Daí, espalhou-se por todos os quadrantes da terra bandeirante e, ainda hoje, não perdeu o seu nomadismo, embora a expe-

COMPANHIA BANDEIRANTES DE ARMAZENS GERAIS

CAPITAL Cr\$ 69.000.000,00

RESERVAS Cr\$ 57.032.085,30

ARMAZENS PRÓPRIOS

MATRIZ
RUA DO COMÉRCIO, N.º 43
SANTOS

FILIAIS
LINS - MARILIA - VERA CRUZ - TUPA
SÃO PAULO